



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**MÃO NA MASSA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE CULINÁRIA E LETRAMENTO
COM CRIANÇAS PEQUENAS**

BEATRIZ OLIVENCIA PIOLLA

RIO DE JANEIRO

2017

MÃO NA MASSA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE CULINÁRIA E LETRAMENTO
COM CRIANÇAS PEQUENAS

BEATRIZ OLIVENCIA PIOLLA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Janeiro
2017

MÃO NA MASSA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE CULINÁRIA E LETRAMENTO
COM CRIANÇAS PEQUENAS

BEATRIZ OLIVENCIA PIOLLA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Julia Wassermann Guedes

Colégio Pedro II

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e a todos que fizeram parte, direta ou indiretamente, desse lindo processo de aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as crianças citadas nesse trabalho por todo amor e carinho que recebi, por tudo que me ensinaram, pela alegria com a qual me contagiaram todas as manhãs, pela graça e diversão compartilhadas comigo e com a turma durante as brincadeiras, pela confiança que depositaram em mim ao embarcar nas atividades sugeridas, por cada momento que vivemos juntos, momentos que se transformaram em memórias. Memórias que carregarei comigo e que me farão sempre buscar a criança dentro de mim. Obrigada por fazerem de mim uma professora e um ser humano melhor.

Sou grata a toda a amada “tripulação” da escola NAU (Núcleo de Artes da Urca), que me acolheu, acreditou no potencial do meu trabalho e sempre colaborou para que pudesse concretizar minhas ideias, principalmente as queridas Celi, Cibele e Erika. Às professoras Joana, Mônica, Dani e Luzia, declaro minha sincera gratidão pelo relacionamento que construímos, por compartilharem comigo seus saberes e por fazerem arte comigo. Sempre com muitas cores, tintas, retalhos, fitas, gizes, cola e muito, muito jornal! Meu agradecimento especial a querida Marisa, responsável pelos almoços deliciosos da escola, por, gentilmente, dividir comigo a cozinha para que o Integral pudesse preparar suas receitas.

“Muito obrigada” é pouco para dizer às famílias dos meus alunos. Mães, pais, avós, vocês dividiram comigo seus tesouros mais preciosos e por isso não tenho palavras para agradecer. Tudo que posso dizer é que reconheço em cada sorriso, cada olhar, cada abraço a preciosidade deles e amo muito a todos.

Ao corpo docente do curso de Licenciatura em Pedagogia e à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), minha gratidão sem fim! Obrigada a cada professor, desde o primeiro período até o último, por me mostrar um mundo novo, por me mostrar que é possível superar as dificuldades da prática, por trazer temas e discussões enriquecedoras, por me apresentar teóricos com os quais posso buscar alinhar minha prática para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e prazeroso, por aumentar em mim a chama da paixão pela educação.

Adriane Ogeda, que junto aos outros professores, me mostrou a beleza e a riqueza da Educação Infantil; Nailda Marinho e Marcio Berbat me deram a oportunidade de aprender além da sala de aula, no ambiente de pesquisa e monitoria, além disso, Marcio me

orientou pacientemente neste trabalho. Desde o início do curso tem minha admiração e me inspira com sua paixão pelo que faz; Elisângela Bernado me fez enxergar e entender as complexas relações existentes na esfera escolar e também política; Sandra Albernaz, que, além de ensinar psicologia, tratou a mim e a todos os alunos como colegas queridos. A esses e a todos os professores que, infelizmente não posso citar para não me alongar ainda mais, inclusive meus professores do Ensino Médio, Fundamental e Educação Infantil, o meu muitíssimo obrigada! A paixão que têm pelo que fazem me incentiva e inspira nessa caminhada que começo agora como educadora.

Com muito carinho agradeço a professora Julia Wassermann Guedes, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Apesar de ser uma caminhada longa e árdua, a colaboração dos meus amigos, da universidade ou não, tornou o caminho mais divertido e fácil. O tempo de descanso e descontração ao lado de pessoas amadas, apesar de curto, é tão importante quanto o de trabalho, pesquisa e estudos. Por essas horas valiosas, agradeço meus amados amigos. Agradeço também meu amado Leo, que surgiu já no fim do percurso, mas mostrou e continua mostrando sua importância nesse processo e na minha vida. Sou grata pelo incentivo a fazer tudo com amor.

Àqueles que me amam desde o início da minha vida, a minha família, muito obrigada! Obrigada pela criação que fez de mim quem sou hoje, uma pessoa cheia de amor. Cheia de amor porque recebi e ainda recebo amor. E também cuidado, carinho, atenção e tudo de que preciso. Pela vida de cada pessoa aqui mencionada e por essa conquista tão significativa para mim, que é a formação em Licenciatura em Pedagogia, só posso agradecer àquele que tudo criou: Deus. Sem seu infinito amor nada disso seria possível.

BEATRIZ OLIVENCIA PIOLLA. **MÃO NA MASSA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE CULINÁRIA E LETRAMENTO COM CRIANÇAS PEQUENAS.** Brasil, 2017, 39 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

Este trabalho discorre sobre como a experiência culinária pode fazer parte da construção de conhecimentos e contribuir para o amplo letramento das crianças. Em uma escola privada da Urca, na turma integral com alunos de pré-escola II e 1º ano do ensino fundamental nasceu o Projeto Mão na Massa, com o objetivo de, por meio de receitas, fortalecer o trabalho em equipe, o respeito pelo próximo, trabalhar leitura, escrita e diversos assuntos sobre matemática, a partir do preço, do peso dos ingredientes; história, ao conversar com a turma sobre uma etnia que consome um alimento, que criou alguma receita; geografia, conhecendo regiões de origem dos alimentos; ciências, a partir das plantas usadas na cozinha; educação ambiental, a partir da horta da escola e muito mais. Essa experiência serve de base para reflexão sobre a formação docente e a importância de o professor realizar uma avaliação de sua prática.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; educação infantil; culinária.

ÍNDICE DE SIGLAS

DCNEI – Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

NAU – Núcleo de Arte da Urca

PPP – Projeto Político Pedagógico

SISU – Sistema de Seleção Unificada

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ANEXO A

Alfabetização sem receita _____ 39

Sumário

Resumo	08
Início de conversa	12
Capítulo 1:	
1.1: Construindo o Objeto de Pesquisa	14
Capítulo 2:	
2.1: Possibilidades de pensar A Educação infantil	18
2.2: Alfabetização x Letramento	19
2.3: Alfabetização e Letramento na Educação Infantil – É possível?	20
Capítulo 3:	
3.1: Núcleo de Arte da Urca - Projeto Político Pedagógico	22
3.2: O projeto Mão na Massa	23
Considerações Finais: aprendizagens e desdobramentos do projeto	34
Referências Bibliográficas	38
Anexo A	39

Introdução

Início de Conversa

Antes de relatar e discutir o trabalho desenvolvido no Núcleo de Arte da Urca (NAU) é preciso explicar como cheguei à Licenciatura em Pedagogia e como encontrei essa escola.

Desde 2011, ainda quando fazia curso preparatório para o vestibular, me dividia entre Gastronomia e Pedagogia. Antes da divulgação do resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), matriculei-me em Gastronomia em uma universidade privada, porém, antes do início do período letivo, foi divulgado o resultado do sistema de seleção unificado (SISU), o qual me possibilitava o ingresso na Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro (UNIRIO) no, tão querido, curso de Licenciatura em Pedagogia. Cancelei a matrícula em Gastronomia e coloquei as facas (as quais ganhei com tanto carinho), que, até então seriam usadas na faculdade, para uso doméstico. Sem grandes habilidades e nenhuma técnica, o gosto pela cozinha continua. Ainda me arrisco em algumas sobremesas ou alguns pratos, nada muito elaborado.

Lembro-me perfeitamente do momento em que recebi uma mensagem de texto informando o resultado do SISU: passei! Estava dentro! Foi uma alegria ainda maior do que quando me matriculei no primeiro curso. E a cada disciplina que cursei em Pedagogia, por exemplo: Educação Infantil, Ciências Sociais na Educação, Alfabetização e Letramento, Matemática na Educação, Didática, História da Educação e tantas outras, principalmente, os estágios, minha certeza de que a docência era o meu caminho só se confirmou.

Gestão escolar e Educação Infantil foram os primeiros estágios que realizei. Os dois ocorreram simultaneamente na mesma escola, Núcleo de Arte da Urca, a qual já conhecia devido a uma visita realizada com a professora Adrianne Ogeda durante uma aula de Educação Infantil.

Assim entrei na escola NAU, como estagiária no Maternal I, onde tive uma rica experiência com a professora da turma e na troca com as crianças. O estágio, que teria duração de 2 semanas, estendeu-se por 2 meses, por minha iniciativa, tamanho entrosamento com a turma e a professora Joana. A experiência na escola me possibilitou acompanhar o desenvolvimento das crianças, como elas constroem as relações com seus

pares, com o mundo e com os adultos, e, principalmente, pude observar a prática de uma educadora que respeita os educandos, compreende seu desenvolvimento e propõe atividades, brincadeiras, contação de histórias e cria um ambiente de liberdade adequado para que as crianças explorem, sintam, olhem, cheirem, toquem, provem, construam e aprendam.

Após o término do estágio obrigatório, em novembro de 2014, a aposentadoria da professora responsável pela turma Integral de Pré-escola II e 1º ano do Fundamental deu lugar a uma vaga no quadro de funcionários da escola, a qual foi ocupada por mim, como estagiária remunerada, até o fim do ano letivo e também o ano seguinte.

Minha primeira turma foi o Integral. As aulas aconteciam no turno da manhã com aquelas crianças da Pré-escola II (Turma Lilás) e do 1º ano (Turma Verde) que permaneciam os dois turnos na escola. Na parte da tarde, o Integral se separava e cada aluno seguia para sua turma. A quantidade de alunos variava a cada dia, pois, por ser um horário especial, os alunos não chegavam juntos, alguns nem compareciam todos os dias.

As atividades do Integral eram lúdicas, envolviam arte e consistiam em jogos, brincadeiras, leitura de histórias, encenações, momentos livres dentro da sala e no pátio, passeios, realização de deveres de casa que não haviam sido feitos, elaboração de desenhos e textos coletivos, oficinas de sucata e, apesar da não obrigatoriedade, também eram realizados trabalhos relacionados ao projeto da escola.

O trabalho está dividido em três capítulos, com o primeiro dialogamos com o objeto de pesquisa. No segundo, apresentamos um panorama breve sobre letramento e alfabetização, tendo como contexto a educação infantil, e no terceiro, o projeto pedagógico do Núcleo de Artes da Urca (NAU) e o projeto mão na massa.

Capítulo 1:

1.1: Construindo o Objeto de Pesquisa

O tema do presente trabalho surgiu a partir da prática pedagógica. A experiência como professora de uma turma do período integral, com alunos de pré-escola II e 1º ano do fundamental, me fez refletir sobre a necessidade de proporcionar às crianças encontros com brincadeiras e atividades lúdicas; nasceu então a ideia de cozinhar com a turma. Não uma aula de culinária, algo muito menos meticuloso que isso, uma atividade divertida que remetesse aos momentos gostosos e acolhedores na cozinha de casa.

Sobre essa prática decidi escrever e refletir na presente investigação com os seguintes objetivos:

- Apresentar referencial teórico e discutir acerca de alfabetização e letramento;
- Narrar certas experiências vividas em uma sala de aula que integra educação infantil e ensino fundamental;
- Realizar uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica de um projeto desenvolvido com a turma.
- Realizar uma avaliação qualitativa da prática pedagógica do projeto mão na massa;
- Apontar possíveis aspectos de melhoria no processo de desenvolvimento com as crianças.

Destaco como principal objetivo deste trabalho a reflexão acerca de minha prática em sala de aula, pois entendo que somente a partir do processo de observação atenta da práxis é possível reconhecer em que aspectos essa se distancia da teoria a qual defendo a fim de possibilitar a aproximação entre discurso e prática. Para constar: acredito em uma pedagogia na qual o educador não apenas transfere conteúdos, mas possui uma escuta atenta ao educando e com ele dialoga, valoriza seus saberes e respeita sua autonomia.

Reflito sobre minha prática a fim de aperfeiçoá-la e reconheço que esse processo é permanente. Através do embasamento teórico, da pesquisa e do fazer constituo-me como docente. A prática é indispensável à formação.

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro [...] A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática ativismo” (Freire, 2014, p. 23).

Meu trabalho na escola começou como estágio obrigatório e posteriormente fui contratada para assumir a turma do período Integral. Apesar das aulas do turno vespertino também terem um perfil bastante distante das aulas de escolas tradicionais, visto que se trata de uma escola construtivista, eram menos flexíveis e mais formais que as aulas da manhã. Logo, ao assumir, senti necessidade de realizar um trabalho diferenciado e divertido com as crianças, visto que aquela turma passava suas manhãs e tardes na escola. Além da turma mostrar interesse, o ato de cozinhar, principalmente em grupo, possibilita a construção de inúmeros saberes e habilidades.

O que motivou esse estudo foi a alegria e o interesse demonstrado pelos alunos ao longo do projeto e a possibilidade de refletir sobre melhorias. Logo, a importância desse trabalho se dá por demonstrar a possibilidade de usar atividades variadas, como a culinária, para criar experiências geradoras de conhecimento atraentes e divertidas aos olhos das crianças e, por que não, dos adultos?

Por ter conseguido despertar interesse e servir de ponto de partida para diversos trabalhos e conversas em diferentes áreas do conhecimento, é válido observar essa prática e analisá-la, a fim de encontrar pontos que careçam de maior atenção e de melhorias para permitir a implementação do projeto em outras turmas, respeitando as singularidades de cada uma. Uma importante ação para aqueles que ensinam, segundo Freire (2014) é refletir de maneira crítica sobre a própria prática, daí a necessidade deste trabalho: rever o que foi feito, avaliar e buscar meios de aperfeiçoar a execução do projeto.

É válido ressaltar que implantar o projeto futuramente em outras turmas não significa reproduzi-lo novamente ou aplica-lo como algo pronto. O projeto Mão na Massa foi sendo criado e recriado através da prática. Sua principal característica é seu inacabamento assim como a própria formação docente (Freire, 2014). Por tal fato destaco que realizar o projeto no futuro significaria reconstruí-lo, pois não há como reviver a

experiência com outros alunos em um tempo e espaço distintos. Isso não seria possível nem mesmo com a própria turma que participou do Mão na Massa, pois as experiências são únicas.

Larrosa (2002) propôs pensarmos a educação a partir do binômio experiência/sentido. A experiência é vivida e sentida individualmente, é particular. Por esse motivo não é possível recriar a mesma experiência com outras turmas, ou até com a mesma. É possível fazer o projeto novamente, porém os resultados certamente serão diferentes, assim como seu desenvolvimento.

Larrosa ainda explica “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. O autor critica o excesso de informações e a falta de experiências vividas. Por reconhecer que um dos meus deveres como professora é criar ambientes favoráveis e convidativos para que os educandos sejam livres para construir seus conhecimentos a partir de experiências, e não transferir conteúdos, procurei dirigir o projeto de maneira que os alunos pudessem efetivamente vivenciar a experiência.

É preciso lembrar que as crianças pequenas e bebês aprendem – na corporeidade de suas mentes e de suas emoções – a partir da ação do corpo o mundo [...] elas aprendem não a partir de informações científicas parciais ou conhecimentos fragmentados, mas através de processos dinâmicos de interações com o mundo (Barbosa e Richter, 2009, p. 45).

Retomando Paulo Freire, além da reflexão crítica sobre a prática, há outros saberes necessários à prática educativa. Alguns deles são: pesquisa, comprometimento, respeito à autonomia dos educandos, escuta e querer bem aos educandos. O presente trabalho relacionará esses saberes à experiência vivida no ano de 2015 dentro do Mão na Massa.

Foi a partir da experiência de preparar um prato com os alunos que surgiu tal projeto. Após algumas receitas, nasceu a vontade de tornar frequente aquela prática, mas não com a rigorosidade das aulas de culinárias oferecidas por tantas escolas atualmente. Os alunos participaram da decisão, foram consultados e apoiaram a ideia de dar prosseguimento às receitas. A participação ativa dos alunos foi fundamental durante todo o processo, e se deu inclusive em sua criação.

Realizar o projeto Mão na Massa foi um grande desafio e exigiu grande tempo de pesquisa e reflexão sobre a própria prática. Era preciso pesquisar um prato típico de um lugar ou povo relacionado ao tema do projeto escolhido pela escola para o semestre; estudar o tema para ter embasamento teórico para apresentá-lo e discuti-lo com os alunos; conhecer a origem dos ingredientes da receita e algumas curiosidades sobre seu uso em algumas culturas; buscar informações sobre os benefícios e malefícios que um alimento pode trazer para o corpo, etc.

Além dessas pesquisas, a elaboração do prato precisava ser viável, visto que havia certos empecilhos para realização das receitas. No rol de dificuldades encontradas pode-se salientar a impossibilidade de usar fogão, apenas forno; o prato não poderia ficar por tempo prolongado no congelador ou geladeira após o preparo; a quantidade precisava ser suficiente para toda turma e, necessariamente, a receita deveria ser saudável.

Com o desenrolar do projeto, a partir de diálogos com a coordenação da escola, com professores da universidade e leituras, principalmente de Paulo Freire, passei a refletir mais sobre minha prática e sobre a maneira que estava lidando com a participação e autonomia dos educandos. Todos esses fatores aliados à auto avaliação provocaram algumas mudanças na execução do projeto, como: preparar receitas típicas da região de origem de cada aluno, para valorizar sua bagagem cultural, em vez de receitas relacionadas necessariamente ao projeto; inverter os papéis: cada semana uma criança ensinava ao restante da turma a sua receita trazida de casa, e eu atuava mediando as relações entre a turma e como auxiliar no preparo, não mais o contrário; além de não mais haver obrigatoriedade de escrever as receitas, visto que metade da turma era composta por alunos da educação infantil e alfabetização não é o objetivo dessa etapa da educação. Essas mudanças claramente tornaram o projeto mais significativo para os educandos.

Capítulo 2

2.1: Possibilidades de pensar a Educação Infantil

Para Maria Letícia Nascimento (2011), a afirmação “Sujeito histórico capaz de provocar mudanças no cenário social, político e cultural” de Jens Qvortup tem sentido para pensar a infância como fenômeno social, sendo produtora de cultura. Ser pensante que se relaciona com o outro e com o mundo. Possuidora de direitos. Construtora de sua própria identidade. Observadora, questionadora, narradora e produtora de sentido sobre a natureza e a sociedade (DCNEI). Todas essas características definem a criança. Mas não apenas essas. Também: sujeito que brinca, aprende, fantasia, imagina, cria, inventa, deseja e experimenta.

O público alvo da primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil, é justamente esse sujeito. De acordo com as DCNEI, o objetivo da proposta pedagógica para educação infantil é, dentre outros, garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens. Há dois eixos que devem nortear as práticas pedagógicas na Educação Infantil: brincadeira e interação.

“Longe de ser apenas uma atividade natural da criança, a brincadeira é uma aprendizagem social” (Porto, 2008, p. 33) A todo instante os estímulos e informações do meio são recebidos por qualquer indivíduo. Com a criança não seria diferente; ela apreende e transforma a cultura no contexto em que está inserida. Durante o brincar livre, numa simples brincadeira de casinha, escolinha e tantas outras, a criança se relaciona com o outro, seja adulto ou criança, com o espaço, com o tempo, com o personagem inventado na brincadeira e reproduz aquilo que tem internalizado. Além de reproduzir, cria. Pois seus desejos, escolhas e ações afirmam que ela também é sujeito criador de cultura e conhecimentos. Segundo Porto, “a brincadeira é um processo de relações da criança com o brinquedo, com outras crianças e com os adultos, portanto, um processo de cultura”.

2.2: Alfabetização x Letramento

Alfabetização e letramento são conceitos amplamente discutidos e possuem definições distintas. Tratarei aqui alfabetização como processo de aquisição do alfabeto, da capacidade de transcrever fonemas e decifrar grafemas. O entendimento daquilo que se lê e se escreve, ainda que superficialmente, está contido na alfabetização. Entretanto, o entendimento profundo, inclusive das atribuições sociais daquilo que se lê e se escreve, diz respeito ao letramento. Esse conceito vai além dos limites da alfabetização. Letramento envolve a capacidade de expressar-se e comunicar-se com desenvoltura através da leitura e escrita.

Soares (2013) aponta para a necessidade de atribuir diferentes nomes para os processos de aquisição e desenvolvimento da língua, reconhecendo as especificidades de cada um. O processo de aquisição denomina-se alfabetização e o desenvolvimento, letramento. “É verdade que, de certa forma, a aprendizagem da língua materna, quer escrita, quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Entretanto é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido” (Soares, 2013, p. 15).

Receita de alfabetização

Pegue uma criança de seis anos e lave-a bem. Enxugue-a com cuidado, enrole-a num uniforme e coloque-a sentadinha na sala de aula. Repita o processo com as demais crianças da mesma turma. Nas oito primeiras semanas, alimente-as com exercícios de prontidão. Na nona semana, ponha uma cartilha nas mãos das crianças. Tome cuidado para que elas não se contaminem no contato com os livros, revistas, jornais e outros perigosos materiais impressos. Abra a boca das crianças e faça com que elas engulam as vogais. Quando as tiverem digerido, mande-as mastigar, uma a uma, as palavras da cartilha. Cada palavra deve ser mastigada no mínimo 60 vezes, como na alimentação macrobiótica. Se houver dificuldade para engolir, separe as palavras em pedacinhos. Mantenha as crianças em banho-maria durante quatro meses fazendo muitos exercícios de cópia. Em seguida, faça com que elas engulam algumas frases inteiras. Mexa com cuidado para não embolar. Ao final do oitavo mês, espete as crianças com um palito, ou melhor, aplique uma prova de leitura e verifique se elas devolvem pelo

menos 70% das palavras engolidas. Se isso acontecer, considere-as alfabetizadas. Enrole-as num bonito papel de presente e despache-as para a série seguinte.
(Trechos de uma publicação citada por Carvalho (2014, p. 142) em Alfabetizar e Letrar).

A ironia do texto revela uma crítica à falsa homogeneidade dentro de sala de aula e principalmente, ao mecanicismo, típico do processo de alfabetização, cujo significado muitas se esvazia por permitir ao aluno apenas uma leitura e escrita superficial, sem entendimento sobre o texto.

À aquisição do alfabeto, do código escrito e às habilidades de leitura e escrita atribui-se o conceito de Alfabetização, que engloba a “mecânica” de codificar a língua oral em escrita e decodificar a língua escrita em oral. Já ao letramento é atribuída além da capacidade de codificar e decodificar, a significação daquilo que se lê e escreve e seu uso na sociedade.

O texto em anexo, apesar de intitulado “Alfabetização sem receita”, revela uma concepção que está além da alfabetização. Quando sugere “desafie as crianças a pensarem sobre a escrita” ultrapassa a mera decodificação, pode ser chamado de letramento. Os diversos materiais citados colaboram para a reflexão sobre a função social da língua escrita e a conversas sobre quem são e de que gostam caracterizam a valorização do sujeito e o respeito por seus interesses.

2.3: Alfabetização e Letramento na Educação Infantil – É possível?

Sobre a articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental, as DCNEI afirmam que não deve haver antecipação de conteúdo, respeitando as especificidades etárias. E sobre as práticas pedagógicas, as DCNEI afirmam que devem garantir experiências que possibilitem “a apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”.

A fim de alinhar o projeto Mão na Massa com as diretrizes, garantindo a interação das crianças com a linguagem escrita sem antecipar conteúdos do Ensino Fundamental, pois metade da turma era composta por crianças da Educação Infantil, houve alteração no projeto: a quantidade de lacunas na receita para serem completadas pelas crianças diminuiu

e a escrita deixou de ser obrigatória.

Durante o exercício da minha função com o Integral, o *letramento* foi trabalhado com crianças da Educação Infantil e do Fundamental (lembrando que alfabetização, não é atribuição da Educação Infantil). Por isso, a partir de certo ponto do projeto, o trabalho desenvolvido não possuía a obrigatoriedade de escrever. Mesmo assim, a maioria da turma, por iniciativa própria optava por assim fazer. Não era exigida rigorosidade para que escrevessem tudo corretamente, visto que os erros são parte importantíssima desse processo. O primordial na atividade era que, quando por interesse próprio, escrevessem, se colocassem a refletir sobre o processo e também que se relacionassem com os colegas da turma para compartilhar saberes e superar suas hipóteses.

Por ser um processo permanente, o *letramento* se faz a todo instante, inclusive, durante o brincar. Desde antes do início da brincadeira de restaurante (que terá atenção maior nos próximos capítulos), a qual foi inspirada pelo projeto Mão na Massa, os educandos interagiam, trocavam e construía conhecimentos, pois havia uma preparação: a sala era organizada, cardápios eram elaborados, cada um escolhia seus personagens e o dinheiro de brinquedo era distribuído. A partir da observação do preparo para a brincadeira, já pude notar quão enriquecedoras eram as relações estabelecidas naquele momento, entre as próprias crianças, com o mundo, o espaço, os objetos, o tempo, etc. Sem a minha interferência direta, através da brincadeira, o processo de *letramento*, inclusive matemático, era desenvolvido, visto que a leitura e a escrita estavam presentes na brincadeira e representavam uma parte importante dela, como ler o menu, anotar e ler o pedido, calcular a conta do cliente, dar troco, etc.

Capítulo 3

3.1: Núcleo de Arte da Urca - Projeto Político Pedagógico

De acordo com as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEI), projeto político pedagógico é um plano que orienta as ações da instituição escolar e estabelece metas para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos. Dada a importância desse documento para as escolas, faz-se necessário destacar aqui alguns pontos do PPP da escola na qual ocorreu a experiência narrada.

“A história da escola NAU não pode ser escrita só com palavras, mesmo que traduzidas em poesia. Precisa ser expresso com o corpo, o gesto e a voz, com música, pincel e tinta, com barro, massinha e sucata” (Projeto Político Pedagógico – Núcleo de Arte da Urca). Esse trecho do PPP da escola NAU representa com fidedignidade sua história e seu presente, pois sua prática pedagógica permanece pautada pela arte e respeito aos educandos, a fim de que tenham assegurada sua livre expressão.

De acordo com o que consta no projeto político pedagógico, o Núcleo de Arte da Urca iniciou-se como um centro cultural e artístico com atividades voltadas principalmente ao teatro. Foi criado também o grupo teatral Navegando. A fim de atender as demandas da população do bairro, em 1977, surgiu a Escola de Educação Infantil no Núcleo de Arte, que atuava como curso de artes para crianças, e, com o passar do tempo, o Grupo Navegando se desligou do Núcleo e passou a atuar em paralelo.

Por considerar a expressão artística como instrumento de formação do ser em sua globalidade, ou seja, considerando pensamento, sentimento, sensação e intuição, desde o princípio da escola de educação infantil, as diretrizes pedagógicas são pautadas na arte-educação.

Acreditando ser a função social da escola formar “seres ativos, capazes de exercer uma cidadania crítica e responsável” e também “pensantes, transformadores e criativos, que façam uso equilibrado da emoção e da razão, que saibam, quando necessário, ressignificar sua ação nas constantes transformações da vida”. (Projeto Político Pedagógico – Núcleo de Arte da Urca), a escola NAU busca esses objetivos a partir de uma práxis formadora de valores e princípios e atitudes construtivos de ordem estética, ética e política.

3.2: O projeto Mão na Massa

Em 2015, ao assumir a turma Integral, meu maior desafio foi introduzir atividades dirigidas do interesse dos educandos que possibilitassem às crianças, através das vivências, construir seus conhecimentos.

Planejando atividades para desenvolver em sala de aula, surgiu a ideia de preparar uma receita com a turma e ideia foi aprovada pela coordenação. Consultei a cozinheira da escola para confirmar se havia possibilidade de utilizar alguns utensílios, ingredientes, o forno e também planejar o melhor dia possível para realizar essa atividade sem atrapalhar o funcionamento da cozinha.

Consultando a turma, constatei que o preparo da receita agradou bastante as crianças. E isso pode ser notado através do envolvimento na atividade. Conversamos sobre a experiência de cozinhar na sala de aula para saber se eles gostariam de continuar com essa atividade. Conforme o interesse coletivo e após conversar com a coordenação sobre o desejo da turma, oficializamos o projeto Mão na Massa. Semanalmente passamos a preparar diversos pratos.

Sistematizei o projeto: preparávamos o prato e, enquanto ele estivesse na geladeira ou no forno, escrevíamos a receita. Assim, no fim do ano, cada aluno teria seu livro de receitas. A intenção era realizar um trabalho alfabetizador. Preparar o prato daria sentido à escrita no momento de pôr a receita no papel. Porém, durante o desenrolar do Mão na Massa, ocorreram diversas transformações; inclusive na minha concepção de educação infantil, o que me fez reconsiderar a alfabetização nessa etapa da educação. E mais, me fez repensar a diferença entre alfabetização e letramento.

Minha ideia inicial constituía-se em preparar pratos com a turma de maneira divertida, de modo que fosse uma grande brincadeira. Quanto a esse aspecto, havia um equívoco no conceito de brincadeira, como explica Porto.

“Existe uma confusão por parte de alguns professores, que chamam de brincadeira uma série de atividades que podem ser lúdicas, mas que não são propostas nem desenvolvidas pelas próprias crianças” (Porto, 2008, p. 37).

Ainda segundo a autora, durante a brincadeira predominam a incerteza, ausência de

consequência e sucessão de decisões tomadas por aqueles que brincam. Visto que a atividade e o ato de cozinhar não se baseiam nesses critérios, não é possível afirmar que o projeto era constituído no ato de brincar e, sim, numa atividade lúdica dirigida.

Os objetivos gerais de realizar receitas regularmente com a turma envolviam os seguintes temas:

- Letramento no sentido propriamente dito e também num sentido amplo de letramento matemático, histórico, etc.
- Trabalho em equipe, desenvolvimento de senso de coletividade e a importância do compartilhamento.

Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos para o projeto:

- Trabalhar educação ambiental;
- Desenvolver raciocínio lógico-matemático;
- Estimular o processo de letramento;
- Demonstrar a importância do trabalho em equipe;
- Valorizar a cultura, os saberes e tradições de cada um, a partir das receitas trazidas pelos educandos.

A turma se agitou com a ideia de misturar ingredientes, colocar a mão na massa, levar ao forno para ver a transformação e, finalmente, poder provar o delicioso biscoito preparado por eles. A atividade foi divertida e rendeu diversos assuntos. Conversamos sobre a origem dos ingredientes como a chia, o óleo de coco e o melado de cana.

A experiência de cozinhar na sala de aula com as crianças foi riquíssima, permitiu que os alunos trabalhassem juntos, trouxessem seus saberes e também construíssem novos conhecimentos a partir da experiência culinária e das trocas entre a turma. Discutindo com os alunos sobre a origem do melado de cana, questionei quem sabia o que era cana de açúcar. A resposta que uma aluna da Turma Lilás deu foi excelente: “Cana é tipo um bambu, só que é doce!”. Sua fala mostra a importância de valorizar o conhecimento prévio dos alunos e trazê-lo para a aula a fim de que troquem e construam juntos novos saberes.

O sucesso da receita foi motivador para tornar a atividade frequente. Perguntei às crianças se elas gostariam de preparar um prato diferente a cada semana e a

resposta foi afirmativa. Então, de acordo com a demanda da turma e liberado pela coordenação pedagógica, foi criado o Projeto Mão na Massa.

No início, o projeto acontecia de maneira bastante informal. Quando possuía algum ingrediente em casa, eu mesma levava. Também utilizava alguns utensílios meus, como espátulas, tigelas, batedeira e formas. Com o passar do tempo, para facilitar o processo, como sugerido pela coordenadora administrativa, deixei de levar os ingredientes à escola e passei a encomendar no empório do bairro, assim eles entregariam no local e a conta já seria paga diretamente pela escola.

O projeto nasceu com a intenção de ser um trabalho alfabetizador, para dar sentido à escrita, pois “para alfabetizar, *letrando*, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação [...]. Assim a escrita passa a ter função social” (CARVALHO, 2014 p. 69, grifo nosso). As crianças preparariam um prato e logo após escreveriam a receita. E assim foi durante as primeiras semanas. Eu levava folhas com a receita impressa e deixava lacunas nos ingredientes, quantidades e algumas lacunas no modo de preparo para que os alunos completassem escrevendo.

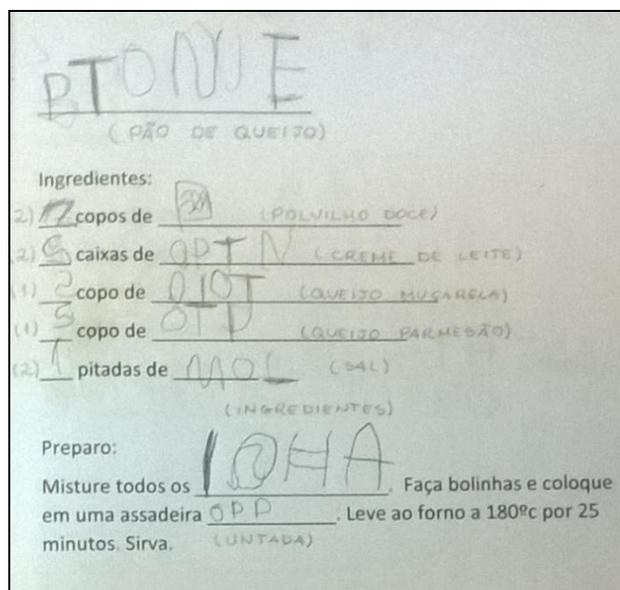


Figura 1: Receita de pão de queijo escrita por Matheus Antônio – Turma Lilás, 2015.

Minha intenção neste texto não é promover o projeto salientando apenas suas qualidades e os aspectos que alcançaram êxito. A importância desse trabalho é justamente

criticá-lo, no melhor uso da palavra, de maneira reflexiva, a fim de ressaltar aquilo que poderia ser repensado e feito de maneira mais adequada, respeitando o tempo e o estágio de desenvolvimento dos educandos. Por essa razão, destaco as seguintes questões que notei logo no início do projeto: as letras minúsculas, o pouco espaçamento entre as linhas e o tamanho pequeno da fonte que dificultava ainda mais o trabalho de algumas crianças, principalmente da Turma Lilás, que se encontravam na educação infantil.

Ao longo do processo de desenvolvimento do projeto Mão na Massa e do meu desenvolvimento como professora, mudanças ocorreram. À medida que minha formação se consolidava (mesmo que de maneira incipiente, pois enquanto viver, ainda estarei nesse processo de consolidação), pequenas transformações eram feitas no projeto.

Como assinalado anteriormente, notei a dificuldade enfrentada pelos alunos para escrever e atentei para um erro meu durante a elaboração das folhas de receitas: letras minúsculas. Na Turma Lilás (Pré-escola II), preferencialmente, usa-se textos em CAIXA-ALTA. As letras minúsculas são apresentadas à turma aproximadamente no segundo semestre e naquele momento estávamos no início do ano.

Ao notar esse fato, mudei as folhas de receitas. Todas passaram a ser feitas com letras maiúsculas e maior espaço entre as linhas, tentando respeitar o tamanho das letras das crianças. Um professor experiente certamente teria preparado um texto já com as letras maiúsculas, mas, para mim, o erro foi essencial, pois foi a partir dele que atentei à dificuldade dos educandos e pensei no processo de aquisição da escrita dos alunos e em que momento cada um se encontrava.

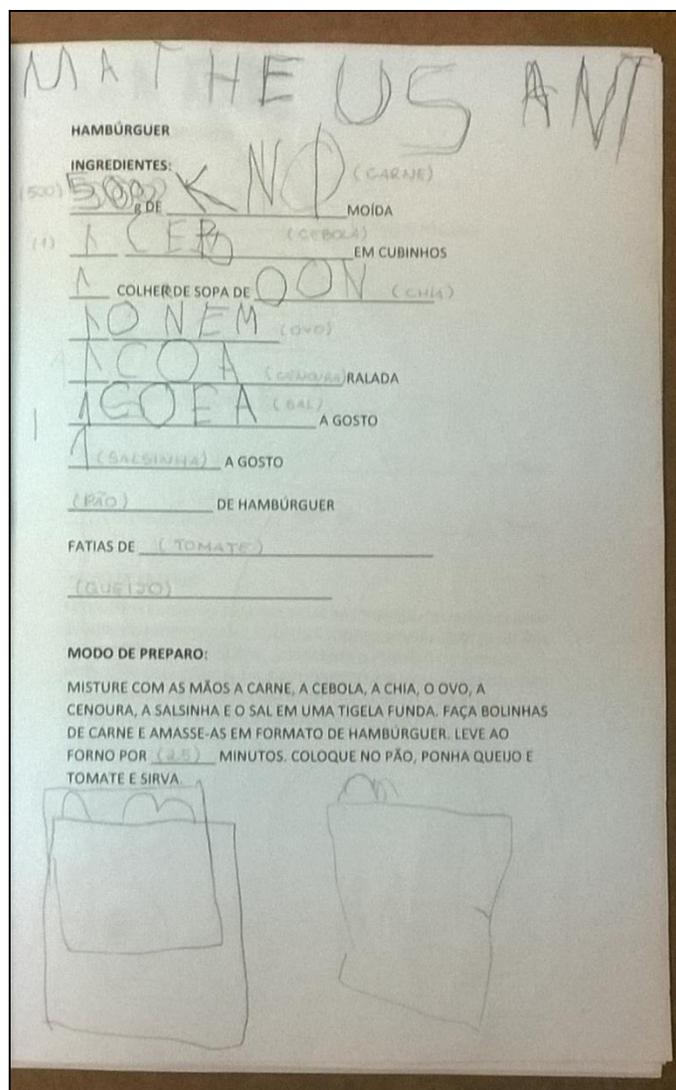


Figura 2: Receita de hambúrguer escrita por Matheus Antônio, turma Lilás, 2015.

Quando digo que foi “errado” usar a letra minúscula na receita, não o digo por considerar que as crianças não estivessem prontas para trabalhar esse tipo de letra. Mas por não ter considerado a possibilidade de pesquisar o trabalho das professoras das turmas a fim de saber qual letra estava sendo usada, para permitir realizar um trabalho coerente com aquilo que os educandos estavam construindo com suas turmas no período da tarde. Essa falha de interação não se deu por nenhum motivo maior que falta de atenção, visto que meu relacionamento com as professoras das turmas Lilás e Verde era de qualidade. Costumávamos trocar informações sobre alunos, atividades e nos ajudávamos mutuamente.

Por certo tempo, cogitei a possibilidade de não usar as primeiras receitas por serem

diferentes das restantes. Entretanto, seria desrespeitoso desconsiderar aquelas produções dos educandos. Além disso, decidi assumir aquela diferença como um processo de aprendizagem também de minha parte. As melhorias no projeto só poderiam ser definidas durante seu curso, pois ele não foi criado instantaneamente, mas se constituiu e definiu enquanto se desenvolvia.

As primeiras receitas eram escritas no quadro coletivamente. A cada ingrediente usado no preparo, um aluno se dirigia ao quadro para escrever e completar a receita. Eles ficavam ansiosos para irem ao quadro e sempre contavam com o auxílio dos colegas na escrita, que soletravam a palavra, apontavam as letras no alfabeto da sala e discutiam, propondo mudanças ou ratificando, o que já estava escrito.

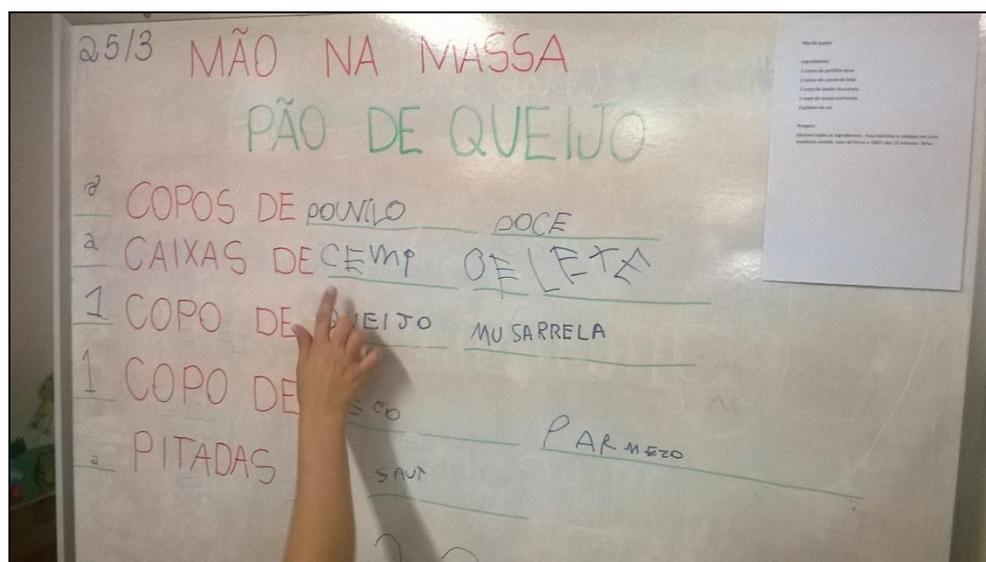


Figura 3: Receita escrita coletivamente no quadro, 2015.

Desde o início do projeto, foi acordado que cada aluno montaria seu livro de receitas, por essa razão, era necessário que eles escrevessem no papel. Não havendo tempo para preparar a receita, escrevê-la no quadro e depois no papel, optei por não mais escrever no quadro, apenas no papel, visto que um dos produtos do projeto seria o livro. Cada criança possuía sua pasta de trilho e, a cada prato preparado, a folha com a receita escrita era guardada na pasta. Assim, ao fim do ano, o livro já estaria pronto.

Reconheço hoje que, ao abrir mão de escrever a receita no quadro coletivamente, para que cada um escrevesse em sua própria folha, privilegiei um produto, no caso, o livro

de receitas, em detrimento de todo o processo. Julguei o ritmo do trabalho mais importante que *os ritmos* dos educandos. Esse é um aspecto de extrema importância. Se realizado novamente, o projeto certamente contaria com a escrita coletiva, sem pastas individuais ou folhinhas de receitas. Dessa maneira o tempo e o ritmo de aprendizagem e desenvolvimento de cada educando seria tratado de maneira mais respeitosa.



Foto 1: Turma Integral escrevendo a receita de mousse de chocolate. 2015.

À época que realizei esse projeto e optei por não mais escrever no quadro não assumi um olhar crítico para perceber que a escrita coletiva, no quadro, agregava mais significado que a produção no papel. Posteriormente me dei conta de que alguns alunos, não se interessavam em escrever no papel, alunos esses que se divertiam ao usar o quadro.

Analisando a escolha, vejo que me preocupei mais com o produto do que com o processo, pois, se as crianças escrevessem apenas no quadro, como seriam feitos os livros de receita? Sem dúvida, a obra coletiva contribuía mais para o processo de aquisição de leitura e escrita, pois levava o educando a refletir sobre suas hipóteses quando confrontado pela hipótese de outras crianças e ainda construía uma relação de cumplicidade entre o grupo durante esse processo. Eles trabalhavam em equipe durante o momento de verificar a quantidade de cada ingrediente, misturá-los, mexer a massa, etc., e continuavam trabalhando de maneira coletiva quando escreviam.

Após repensar a execução do projeto focando na autonomia das crianças, considerei

importante dar a elas mais espaço durante o preparo. Atividades antes desenvolvidas apenas por mim como manusear facas, ralar um ingrediente ou até mesmo quebrar um ovo (por impulso eu acabava quebrando os ovos para evitar desperdício caso a criança deixasse algum ovo escorregar ou cair fora da tigela) e até mesmo conduzir o modo de preparo da receita passaram a ser realizadas pelos educandos. Mudei minha postura durante o preparo dos pratos, atribuindo às crianças tarefas principal da receita, proporcionando uma participação mais ativa dos educandos.

Na foto a seguir, estou ao lado do aluno mostrando a ele a maneira correta de manusear a faca e como enrolar e segurar as folhas de espinafre de forma que não se corte, posteriormente, ele fez sozinho, sob minha supervisão. Mostrar a ele como se fazia e permitir que ele fizesse demonstrou minha confiança na sua capacidade de desempenhar aquela tarefa, o que o fez confiar também. Essa pequena mudança, praticada frequentemente, colabora para o desenvolvimento da autoconfiança e autonomia do educando.



Foto 2: Bernardo manuseando uma faca. 2015.

Analisando as fotos do projeto Mão na Massa no primeiro dia de receita conduzida por uma aluna, é fácil perceber que a minha presença diminui. As imagens revelam o maior

envolvimento das crianças, uma participação mais ativa, de quem é autor de seu conhecimento e principal agente no seu processo de aprendizagem. Nesse dia, a aluna ensinou uma receita a qual estava habituada a preparar com sua mãe.



Foto 3: *Maria do Mar, Jade e Matheus Antônio preparando o bolo de iogurte, receita levada por Jade. 2015.*

Ela ensinou a turma a preparar um bolo de iogurte. O tratamento que ela dispensou aos seus colegas de turma durante a atividade foi repleto de cuidado: esclareceu os passos da receita, tirou dúvidas dos colegas, ajudou-os pacientemente e deu atenção à fala de cada um. Dar autonomia à criança e valorizar seus saberes é empoderá-la e empoderar também seus pares, os quais se reconhecem no outro.

Vê-se nestas fotografias que os alunos desempenham, por iniciativa própria, atividades simples em grupo. Eu não os conduzi a isso. Eles se prontificaram a ajudar e trabalhar coletivamente. Até para uma tarefa simples, como quebrar alguns ovos, eles se uniram: enquanto uma quebrava a casca do ovo com a colher, uma segunda aluna a ajudava quebrando o outro ovo necessário à receita e um terceiro aluno ainda segurava a vasilha para que as duas despejassem os ovos.

Antes de mudar minha postura durante as receitas, os alunos iniciavam disputas verbais para decidir quem realizaria as tarefas, como adicionar ingredientes ou mexer a massa, entretanto, quando eles passaram a trazer as receitas para ensinar a turma, essa atitude foi revertida, pois passaram a trabalhar coletivamente sem que eu precisasse interferir.



Foto 4: *Maria do Mar, Jade e Matheus Antônio trabalhando juntos espontaneamente, 2015.*

A aluna que está sentada mostrou-se empolgada por poder quebrar os ovos, mas logo em seguida demonstrou receio e declarou que julgava melhor não desempenhar essa tarefa, pois poderia sujar a mesa e a toalha. Respondi que se isso acontecesse, nós limparíamos e ela tentaria novamente com outro ovo. Encorajada, ela tentou, porém, por bater no ovo com demasiada força, ele se quebrou sobre a mesa. Ela ficou desconcertada. Agi conforme já havia dito: ajudei-a limpar a mesa, limpei a toalha e dei-lhe outro ovo, incentivando-a a tentar novamente e reforçando que o que acontecera não era nenhum problema.

Na segunda vez, ela conseguiu quebrar o ovo dentro da vasilha que o amigo estava segurando. Ela demonstrou-se tão orgulhosa de seu feito e tão contente que me fez refletir sobre o quanto as crianças são tolhidas por adultos e impedidas de realizarem tarefas como essas para evitar desperdícios ou, simplesmente, para poupar tempo. E nesses momentos de proibição elas perdem a oportunidade de aprender, até com o erro, e construir autoconfiança.

Cada criança se encontra em um momento diferente da alfabetização. Durante o momento de escrever a receita, elas se ajudam, criando e questionando suas próprias hipóteses, assim, superando-as e avançando no processo. Os alunos do Integral tinham entre 5 e 7 anos. Em algumas ocasiões, no dia de Mão na Massa, recebemos outros alunos

menores, de 3 e 4 anos, que chegam em um horário diferenciado do restante da turma e não passeiam com suas turmas, por isso, eles ficaram com o Integral nesses dias. Eles também ajudaram a preparar a receita e algumas vezes, até foram oferecidos os papeis para que eles escrevessem a receita, entretanto, sem cobrança alguma para que eles completassem corretamente as palavras. Ofereci os papeis para essas crianças para se sentirem integradas à turma, visto que pediram para participar daquela atividade com as mesmas folhas que os alunos maiores usavam. Dei-lhes a folha sugeri que desenhassem aquele momento ou registrassem da maneira que preferissem.

Considerações finais: aprendizagens e desdobramentos do projeto

De acordo com Porto:

A relação entre a brincadeira e as atividades dirigidas é também interessante, visto que as duas formas podem se enriquecer mutuamente. As atividades dirigidas podem sugerir ideias, oferecer oportunidades de as crianças ampliarem sua visão de mundo. As crianças podem, depois, transferir suas descobertas para suas brincadeiras. Reciprocamente, o professor pode observar o conteúdo cultural da brincadeira para desenvolver outras atividades que, desse modo, vão partir dos interesses demonstrados pelas próprias crianças (Porto, 2008).

A influência do projeto Mão na Massa em diversas atividades dos alunos comprova o que afirma Porto. O projeto agradou tanto a turma que inspirou diversos momentos dos alunos na escola e em casa. Isso pode ser percebido no cotidiano, pois os responsáveis enviavam bilhetes pela agenda com sugestões de receitas e expressando o quanto o filho estava animado com o projeto, os alunos questionavam qual seria a próxima receita, se mostravam ansiosos pela chegada do dia do projeto, sugeriam pratos, algumas vezes repetiam a receita em casa com a família e mesmo na escola, durante as brincadeiras livres, quando escolhiam brincar de restaurante a fim de poderem cozinhar.

Acordos eram estabelecidos entre as crianças enquanto brincavam de restaurante: ao escolher quem seria o chef de cozinha, o garçom, o cliente; ao organizar o mobiliário para configurar um restaurante, quais seriam os pratos servidos, e em diversos outros momentos.

Espontaneamente, os educandos escreviam e liam, realizavam operações matemáticas e praticavam a cordialidade com o próximo através de ações deflagradas pela brincadeira, por exemplo: anotar os pedidos dos clientes, ler o cardápio, calcular a conta e dar troco e tratar os funcionários e clientes do restaurante com respeito e educação.

A brincadeira permitia que abordássemos temas sérios como as relações sociais, por exemplo, quando o “cliente” do restaurante assumia uma atitude desrespeitosa em relação ao “garçom” e outro “cliente” reprovava tal atitude, ou quando o “chef”, por ocupar uma posição mais alta na hierarquia da cozinha, faltava com respeito com seu “ajudante” e esse se sentia ofendido, etc. As relações sociais eram reproduzidas e também modificadas pelas crianças durante o brincar, que muitas vezes enxergavam o desrespeito nessas atitudes e transformavam seu comportamento.

Além de inspirar brincadeiras, levantar discussões e estimular bons hábitos

alimentares, o projeto Mão na Massa também influenciou a escolha do passeio semanal da turma quando visitamos a feira orgânica da Urca. O passeio foi uma rica experiência de aprendizagem na qual os educandos tiveram a oportunidade de conhecer e se relacionarem com mais um espaço do bairro: a feira.

A experiência possibilitou discussões sobre assuntos importantes de ciências e geografia como a origem dos alimentos orgânicos, o que são, quais seus benefícios para saúde, quais as vantagens do cultivo desses alimentos para o meio ambiente e também sobre as relações sociais, sobre os pequenos produtores que plantam esse tipo de alimento. Conteúdos de matemática também foram trabalhados a partir dos preços, da quantidade de produtos comprados e de pessoas que os consumiriam.

Saviani (2011) afirma que o conhecimento não se origina na percepção, mas na ação. Diversos conteúdos podem ser apre(e)ndidos de maneira não conteudista e sim a partir da experiência. É o que nos mostra o passeio à feira.



Foto 5: Turma do Integral em passeio à feira orgânica da Urca com a diretora da escola, 2015.



Foto 6: Alunos exibindo o que compraram na feira. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Celi (diretora), Matheus Antonio, Carolina, Mateus, Lorenzo, eu, Tainá (feirante e colega de classe na UNIRIO), Maria do Mar, Sirlei (motorista), Tarsila e Jade. 2015.

O ato de ler, segundo Freire (2011), não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Considerando as palavras do mestre Paulo Freire, lembrando que o processo de letramento é permanente, segundo Porto (2013), e que as DCNEI afirmam que as atividades propostas na educação infantil devem proporcionar às crianças interações com diversas linguagens, inclusive a língua escrita, acreditando que seja possível realizar um trabalho de *letramento* na educação infantil. Possibilitar a interação das crianças com a leitura/escrita na educação infantil não significa antecipar conteúdos, entretanto é preciso ter cautela para que o letramento não se torne um trabalho puramente alfabetizador, pois esse não é um objetivo da educação infantil. Cabe a essa etapa da educação a criação de narrativas, socializar, desenvolver autonomia, etc.

A estratégia para se alcançar os objetivos da educação infantil necessariamente passa pela experiência, não pela transferência de informações e conteúdos. Segundo Larrosa (2002), “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. [...] A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. É preciso que o professor esteja atento à rotina da sala de aula e repense sua prática a fim de cada vez

mais proporcionar aos alunos experiências, não antiexperiências.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira e RICHTER, Sandra Simonis. Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos: qual currículo para bebês e crianças bem pequenas? *EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS EM CRECHES*. Ministério da Educação, Secretaria à Distância, Salto para o Futuro, Brasília: ANO XIX, n.15, Outubro, 2009.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira da Educação*. Nº. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. 11. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DCNEI. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2009.
- FERREIRO, Emilia. Psicogênese da língua escrita / Emilia Ferreiro, Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, 1990.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011. (coleção questões da nossa época - v. 22).
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. Apresentação Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social” Jens Qvortrup. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011.
- PORTO, Cristina Laclette. Brincadeira ou atividade lúdica? *JOGOS E BRINCADEIRAS: DESAFIOS E DESCOBERTAS*. Ministério da Educação, Secretaria à Distância, Salto para o Futuro, Brasília: ANO XIX, n.7, Maio, 2008.
- PPP. Projeto Político Pedagógico. Núcleo de Artes da Urca (NAU), 2015.
- SAVIANI, Demerval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção memória da educação).
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2012.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2013.

Anexo A

Alfabetização sem receita

Pegue uma criança de seis anos ou mais, no estado em que estiver, suja ou limpa e coloque-a numa sala de aula onde existam muitas coisas escritas para olhar e examinar. Servem jornais, livros, revistas, embalagens, propaganda eleitoral, latas vazias, caixas de sabão, sacolas de supermercado, enfim, vários tipos de materiais que estiverem ao seu alcance. Convide as crianças para brincarem de ler, adivinhando o que está escrito: você vai ver que elas já sabem muitas coisas.

Converse com a turma, troque ideias sobre quem são vocês e as coisas de que gostam e não gostam. Escreva no quadro algumas das frases que foram ditas e leia-as em voz alta. Peça às crianças que olhem os escritos que existem por aí, nas lojas, nos ônibus, nas ruas, na televisão. Escreva algumas dessas coisas no quadro e leia-as para a turma.

Deixe as crianças cortarem letras, palavras e frases dos jornais velhos e não esqueça de manda-las limpar o chão depois, para não criar problema na escola.

Todos os dias, leia em voz alta alguma coisa interessante: historinha, poesia, notícia de jornal, anedota, letra de música, adivinhações.

Mostre alguns tipos de coisas escritas que elas talvez não conheçam: um catálogo telefônico, um dicionário, um telegrama, uma carta, um bilhete, um livro de receitas de cozinha.

Desafie as crianças a pensarem sobre a escrita e pense você também. Quando elas estiverem escrevendo, deixe-as perguntar ou pedir ajuda ao colega. Não se apavore se uma criança estiver comendo letra: até hoje não houve caso de indigestão alfabética. Acalme a diretora se ela estiver alarmada.

Invente sua própria cartilha. Use sua capacidade de observação para verificar o que funciona, qual o modo de ensinar que dá certo na sua turma. Leia e estude você também.